

Da emoção à **AGRESSÃO**

“Aprendi que quando está
com raiva tem o direito de
estar com raiva, mas isso não
te dá o direito de ser cruel.”
(William Shakespeare)

A manifestação de raiva
infantil é considerada
normal e é expressa
por intermédio
da agressividade.
O problema é
quando ocorre a
perda da inocência
da criança em função
de consequências
desse comportamento

Por Vivianne Furtado Marzola

Vivianne Furtado Marzola é psicoterapeuta clínica de orientação junguiana, com especialização em Abordagem Junguiana (PUC-SP). Trabalhou no projeto de Valores Humanos e publicou, em 2011, o *Manual dos Valores Humanos: um Guia Ético para Professores*, patrocinado pela Fundação Itaú Social, juntamente com as psicólogas Raissa Cavalcanti e Patrícia Hernandez.

A raiva é um sentimento que faz parte da natureza humana e a agressividade é um comportamento emocional. A agressividade seria a manifestação da raiva. A agressividade é algo inerente ao ser humano, vem dos instintos básicos, sendo necessária para a sobrevivência do ser humano.

A manifestação da raiva é normal na infância e deve ser vivida pela criança, sendo que essa sente raiva e a expressa através de ataques de agressividade, como choros compulsivos, reações de negação aos limites impostos, birras, teimosia, agressão física e verbal. A raiva é um sentimento de protesto, insegurança ou frustração, contra alguém ou alguma coisa, que se exterioriza quando o ego sente-se ferido ou ameaçado. Segundo James Hollis, "a raiva é uma legítima reação da alma ao seu ferimento".

O papel dos pais é ensinar os filhos a lidarem com a raiva e com a agressividade, reconhecendo as emoções deles e assim orientando-os a transformar a raiva, o medo e a ira em algo produtivo e criativo e não em agressão ou violência. O conceito de agressividade, do latim *ad* (para frente) mais *gradior* (movimento), significa "movimento para frente". O que caracteriza a palavra é a ação humana que pode ser usada para algo construtivo ou destrutivo.



Os pais precisam criar mecanismos que ensinam os filhos a lidar com a raiva, fazendo com que eles aprendam a transformar a ira em algo produtivo

A família é o referencial dos filhos. Se a criança nasce num ambiente em condições satisfatórias, saberá usar a agressividade de forma dosada e equilibrada para a sua sobrevivência

Os pais devem estar atentos aos seus próprios comportamentos agressivos, pois as crianças aprendem a partir das referências familiares e repetem o modelo aprendido na escola, nos relacionamentos e na vida. O comportamento agressivo pode se manifestar como reflexo de um ambiente familiar deficiente, conturbado e ameaçador. A família é o referencial da criança e do adolescente. Se a criança nasce num ambiente em condições satisfatórias, saberá usar a agressividade de forma dosada e equilibrada para a sua defesa e sobrevivência.

Portanto, a saúde emocional da criança é consequência das vivências

afetivas e estabelecidas no ambiente familiar e de como são atendidas suas necessidades básicas no decorrer da vida. Por meio dos laços familiares os indivíduos aprendem a viver em grupo. Portanto, a família desempenha papel fundamental no âmbito social e é responsável pela transmissão dos costumes e dos valores humanos.

Valores humanos são valores perenes e universais que enfatizam o amor, a verdade, a ação correta, a paz e a não violência. Cada um deles desdobra-se em valores relativos como a tolerância, o respeito às diferenças, a compaixão, a responsabilidade, a honestidade, a generosidade, a paciência, a igualdade, o autocontrole, a amizade e a simpatia, entre outros.

É de suma importância que haja uma conscientização da importância do resgate dos valores humanos pelos pais, para que possam ser transmitidos para seus filhos, a fim de proporcionar-lhes uma vida futura baseada na essência do bem, do amor e da alma. Esses valores também devem ser resgatados na escola, no contexto educacional, onde professores, através da missão de ensinar, têm a capacidade de transmitir aos seus alunos a necessidade de se vivenciar os valores na escola, nos relacionamentos com os amigos e com os pais e na relação com o mundo.

É fundamental que os pais ensinem a importância do limite, do respeito a si e ao outro, da responsabilidade e do conhecimento dos direitos e deveres. O limite estabelece o que é permitido e o que é proibido. O desenvolvimento emocional saudável da criança requer o estabelecimento de limites para que o jovem possa se integrar na sociedade de forma adequada. A falta de limites, muitas vezes, é sentida pela criança como desinteresse, falta de proteção e de amor.

As crianças e os adolescentes aceitam a autoridade e a colocação de limites, desde que o estabelecimento de regras seja feito com clareza e coerência. Quando há uma relação de confiança e afeto entre eles e a figura de autoridade.

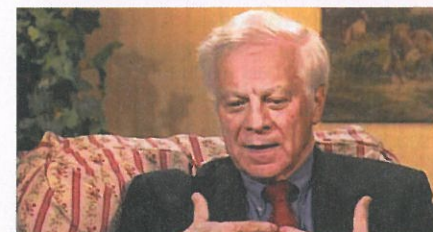
Por meio dos laços familiares os indivíduos aprendem a viver em grupo. Portanto, a família desempenha papel fundamental e é responsável pela transmissão dos valores

Se os pais falham nessa função, seus filhos tendem a não lidar com as frustrações e não respeitarem as outras pessoas e a se tornarem adolescentes e adultos incapazes de regular seus impulsos destrutivos, tornando-se indivíduos intolerantes, agressivos, imediatistas, imaturos e impacientes.

O diálogo do "sentir" é fundamental para a promoção de uma boa educação e um bom vínculo entre filhos e pais. Esse diálogo promove a conexão com as emoções e a leitura daquilo sentido pelos filhos e pelos pais. Os filhos precisam respeitar seus pais. Respeito e confiança são fundamentais na construção de uma boa educação.

Os pais devem ter cuidado no excesso de cobrança, pois as crianças podem desencadear sentimento de impotência ao realizar as diversas tarefas e funções exigidas pelos pais. Caso tenham dificuldades, podem se tornar agressivas devido ao medo do erro.

A expressão de afeto e carinho aj-



• **Veias junguianas** •

James Hollis lecionou Ciências Humanas em universidades durante o longo período de 26 anos. Somente depois disso se tornou um analista junguiano. Norte-americano, nascido em Springfield, obteve o título de Ph.D pela Universidade de Drew, em 1967. Trabalha no Instituto Jung, em Zurique, na Suíça, onde recebeu diploma em Análise Psicológica. Vive em Houston, Texas, onde tem um consultório e é diretor-executivo do Jung Educational Center of Houston.

da as crianças a desenvolverem uma boa autoestima, sentindo-se confiantes e seguras na vida. Pais que não expressam os sentimentos, geralmente, têm dificuldades em lidar com as próprias emoções. Quando há pouca afetividade na relação familiar e quando os pais agem de forma extremamente racional e lógica, acabam criando uma relação sem troca afetiva, sem entrega e sem diálogo. Com isso, as crianças e os adolescentes reprimem suas emoções e vivências, tendo dificuldades em lidar com elas de forma saudável.

A raiva, quando reprimida e não transformada, pode se tornar sombria, com conteúdos sombrios que ficam parcialmente inconscientes, podendo eclodir de forma exacerbada, se manifestando através de comportamentos agressivos e destrutivos, como atos de violência contra si mesmo ou contra o outro.

Sombra

Na Psicologia Analítica é fundamental entrar em contato com a sombra, tomando consciência de tudo o que se considera ruim e não aceitável em nós mesmos, ou seja, a parte obscura da psique. A partir da consciência desses aspectos sombrios podem-se retirar as projeções no outro.

A agressão contra si mesmo pode se manifestar através da depressão, de pensamentos e atitudes destrutivas, de vícios e até levar ao suicídio. A agressão direcionada ao outro pode se manifestar na agressão física e verbal, na transgressão das leis e regras e na criminalidade.

Crianças nascidas num ambiente hostil, frio, indiferente e rígido tenderão a desenvolver a agressividade, muitas vezes destrutiva. Sendo assim, em quase todas as manifestações de patologias



Comportamentos agressivos dos pais podem servir de gatilho, porque as crianças aprendem a partir das referências familiares

infantis se encontram a agressividade destrutiva e a violência. Uma criança marcada por traumas emocionais sérios poderá desenvolver uma agressividade destrutiva e violenta.

Crianças vítimas de violência física e psicológica, negligência, falta de atenção, rejeição, abandono, abusos, maus-tratos e humilhação tendem a ser agressivas. Há um acúmulo grande de tensão, de ansiedade, de angústia e de estresse, que, em algum momento, inevitavelmente será descarregado e a criança agredirá o mundo e as pessoas, transformando a agressão em patologia.

É lamentável que um dos maiores índices de agressão física e psicológica ocorra no cerne das famílias. A falta de afeto, de respeito, de amor, de compaixão traz sentimentos profundos de abandono, desamparo e rejeição. Toda criança quando nasce deveria vir ao mundo com a certeza de ser feliz, ser amada e amar a si e ao próximo. Precisa ser acolhida e protegida para que mais tarde possa caminhar na sua estrada



Crianças vítimas de violência física e psicológica têm muito mais chances de se tornar agressivas, em consequência do acúmulo de tensões

com segurança, confiança e respeito, em busca dos seus sonhos e ideais. Mas algumas vezes esse *script* de vida feliz não ocorre, e o caminho passa a ter obstáculos que a desviam do bem.

Onde se perdeu o olhar ingênuo de algumas crianças? Onde estão os sonhos não vividos e a esperança perdida? É assim que algumas crianças se sentem e se expressam no mundo.

“Os olhos são a janela da alma e o espelho do mundo.” (Leonardo Da Vinci)

O olhar sem vida, sem alma, sem emoção! Onde estão o amor, a alegria, o respeito pelo próximo e o amor próprio? Através do olhar das crianças, podemos constatar a sua alegria, tristeza, medo e raiva. Seus olhos podem espelhar a dor da alma e da descrença do mundo num futuro melhor.

Contexto

No contexto social, é comum falar-se em violência. A agressividade é um fator preocupante, sua dimensão parece não ter fim. Na agressividade desorientada há a ignorância às leis e a falta de uma consciência ética e moral. A violência seria o polo destrutivo da agressividade humana. A violência vem, dia a dia, invadindo as nossas vidas. São assaltos, assassinatos, sequestros, balas perdidas, crianças que roubam e matam, abando-

agressivos relacionados à inveja, à raiva, ao ódio, ao medo e à frustração. Vivemos em uma sociedade orientada pela visão materialista de mundo e de homem, onde os valores correspondentes adotados são o “ter” no lugar do “ser”. O que é valorizado é a posse de bens de consumo, o sucesso econômico, o poder e o status social. A violência como consequência da desigualdade social, do preconceito e da miséria.

Numa sociedade ameaçadora e angustiante, as crianças e os adolescentes podem se tornar agressivos e violentos devido ao desespero, ao descuido, ao abandono e à descrença. Muitas crian-

O desenvolvimento emocional saudável da criança requer o estabelecimento de limites para que o jovem possa se integrar na sociedade de forma adequada

PARA SABER MAIS

BATER NOS FILHOS

Em pleno século XXI, a prática de bater nos filhos ainda é mais frequente do que se pode imaginar. Isso ocorre mesmo se sabendo que o hábito comprovadamente aumenta a agressividade e prejudica a saúde da criança a longo prazo. Uma pesquisa recente desenvolvida pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, concluiu que quase 30% dos bebês com até 15 meses apanharam dos pais no mês anterior ao estudo. Os cientistas acompanharam quase 3 mil famílias, que participavam de um trabalho sobre nascimentos em áreas urbanas e estavam ligadas ao serviço de proteção à criança. Para os idealizadores do estudo, as consultas no pós-parto e as visitas aos bebês foram a chance para médicos conscientizarem os pais sobre os malefícios de agredir os filhos. Mais uma pesquisa, esta elaborada pela Southern Methodist University, surpreendeu até mesmo o autor do trabalho, o professor de Psicologia George Holden. Ele conduzia um estudo a respeito de pais que gritam com os filhos e, a partir disso, descobriu que, além de berrar, os pais batem nas crianças com frequência. Holden distribuiu gravadores para 37 famílias de classes sociais diferentes. A análise de 36 horas de áudio gravadas em seis dias de cada família totalizou nada menos do que 41 agressões.

Os pais devem ter cuidado no **excesso de cobrança**, pois os filhos podem desencadear **sentimento de impotência** ao realizar as tarefas exigidas e se **tornar agressivas** devido ao medo do erro

ças e jovens se sentem desamparadas pela família e pela sociedade.

Segundo Irene Fonseca, “muitas crianças e adolescentes fogem da tortura física e emocional e mergulham na tortura da alma, em uma vida sem dignidade, uma página sem história, vivendo em prol da delinquência”.

Algumas crianças e adolescentes infratores são vítimas da violência no próprio lar, do abandono, da falta de escola, educação e de lazer. Desamparados, se entregam às tentações do álcool e das drogas. Iniciam-se, assim, na criminalidade, praticando pequenas infrações. O perfil desses adolescentes quase sempre envolve a vida nas ruas, falta de estrutura familiar, miséria, drogas. O indivíduo com um mundo interno conturbado e conflitante tende a projetar as suas angústias através da agressividade no outro e no mundo externo. Esse mundo externo passa a ser visto como hostil e o indivíduo sente-se perseguido e ameaçado, reagindo com muita agressividade.

Na visão de Lisboa, A. M. J., a violência é uma doença psicossocial. Não é causa, e sim, na maioria das vezes, consequência da ação de indivíduos portadores de sérios distúrbios comportamentais, derivados,

principalmente, de transtornos afetivos graves com suas raízes na primeira infância. A semente da violência é implantada na criança em seus primeiros anos de vida. Lisboa acredita na priorização das ações preventivas sobre as corretivas. A prevenção dos distúrbios de conduta que levam à violência é atribuição da família, dos educadores, dos pediatras, dos psicólogos, dos assistentes sociais e da sociedade como um todo.

Transformação

Partindo dessa reflexão, nos deparamos com a necessidade emergente de uma transformação social, cultural e educacional. A família, a educação, a sociedade e a política precisam se unir para que essas crianças e adolescentes possam aprender a lidar com o sentimento da raiva de maneira construtiva, sendo orientados, cuidados e afastados da agressão e da violência.

É necessária uma mudança de atitudes em relação à questão da infância que nos remete a um mundo complexo que interage fatores psicológicos, ambientais, sociais e políticos.

Toda criança merece ser amada, respeitada e protegida. Merece ser orientada pelos pais, pela escola e protegida pela sociedade.

Infelizmente, algumas crianças e adolescentes se perdem do caminho do bem; desorientados, falham e cometem

A violência cotidiana, presente na vida de todos, é um quadro que contribui sobremaneira para a formação de crianças agressivas



• Shakespeare e a raiva •

Até hoje o poeta e dramaturgo William Shakespeare (1564-1616) é considerado o maior escritor de língua inglesa de todos os tempos. Reflexões sobre a raiva estiveram presentes em sua obra. Uma das principais, Hamlet, é uma tragédia, situada na Dinamarca, que conta a história de como o príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai executado por Cláudio, irmão do rei. A peça traça a trajetória de vida na loucura real e na loucura fingida, do sofrimento opressivo à raiva fervorosa.

pequenos ou grandes delitos. Vivemos em tempos em que não há como negar as consequências de uma desordem social, da falta de uma estrutura de apoio necessária. A violência que assola o país é o sintoma de um sistema político ineficiente e incapaz de regular, orientar e cuidar das questões psicológicas, sociais e educacionais da infância e da adolescência.

Abandoná-las? Puni-las? Ou educá-las? Cabe à família, à sociedade e aos políticos refletirem sobre as diretrizes eficientes a serem tomadas. Prevenir a violência é uma questão de cidadania, que começa com o respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- Cavalcanti, R.; Marzola, V. F.; Hernandez, P. Manual dos Valores Humanos. São Paulo: Editora Anima de Sophia, 2011.
- Fonseca, I. Como a Violência Doméstica Pode Afetar a Aprendizagem das Crianças. São Paulo: Editora Isis, 2013.
- Hollis, J. Os Pantaneais da Alma: Nova Vida em Lugares Sombrios. São Paulo: Editora Paulus, 1998.
- Jayne, B.; Maria, B. B. R. No Risco da Violência: Reflexões Psicológicas sobre a Agressividade. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.
- Lisboa, A. M. J. A Primeira Infância e as Raízes da Violência. Brasília: Editora Leg, 2006.

